Niterói, 5 de agôsto de 1947.

Exmº. Sr. Dr. Nélson Pereira Rebel.

Acabo de ler, hoje, entre surprêso e admirado, o discurso ou relatório que V.Excia.fêz, a 1º de agôsto, no recinto da Assembléia Legislativa, onde se contém uma grave acusação contra a minha pessoa, a propósito do tão falado caso da exoneração do diretor do Instituto de Educação de Campos, professor João Batista Tavares da Hora. Como julgo que V.Excia.tenha resvalado em êrro de julgamento por estar mal informado do assunto, resolvi escrever-lhe esta, para reconstituir os fatos, como na realidade se passaram.

Atribuiu-me V.Excia. a prática de um ato indigno, contra o qual se levanta, em protesto, todo o meu passado de probidade e honradez. Cumpre-lhe agora ouvir a minha defesa, que me esforcei por escoimar de qualquer palavra acrimoniosa, que pudesse traduzir o meu sentimento de revolta diante da sua acusação.

Prometi a V.Excia. reconstituir os fatos, com tôda a fidelidade. É o que vou fazer, sem omitir nada, nem mesmo o meu telefonema, que foi tão mal interpretado pelo professor João da Hora.

Em dia da penúltima semana, que não me recordo com exatidão, fui procurado, em meu gabinete de trabalho, na Secretaria de Educação e Cultura, pelo referido diretor, que vinha de Campos, trazendo consigo um jornal da terra, que noticiava, entre outras coisas, a sua possível substituição no cargo que ocupava naquele educandário. Em seguida, perguntou-me o que havia contra êle e se tinha algum fundamento aquêle tópico. Respondi-lhe que de nada sabia, razão por que o considerava mero boato.

Nessa ocasião, contrariado com o fato e não querendo ver o seu nome envôlto em explorações políticas, conforme afirmava, disse-me que punha o cargo à disposição do Govêrno, se êle assim julgasse conveniente.

Nesse mesmo dia, à tarde, soube, em Palácio, que me havia sido encaminhada uma representação contra o sr. João da Hora, em que se articulavam algumas irregularidades, praticadas por êle, na direção daquele tradicional estabelecimento de ensino.

... ct

Procurado novamente, no dia seguinte, pelo mesmo diretor, já então informado por V.Excia. das acusações que lhe eram assacadas, confirmei o fato, adiantando-lhe que mandaria uma pessoa de minha confiança para proceder a uma sindicância in loco, afim de apurar o que de verdade havia em tudo aquilo. Como vê V.Excia., não se falou absolutamente em inquérito.

Nesse ínterim, chegaram-me aos ouvidos denúncias de que o sr. João da Hora andava envolvido em questões de política local, valendo-se, para isso, da autoridade que o cargo lhe conferia. Não tinha elementos para ajuizar se essas denúncias eram procedentes. Acreditava mesmo que elas se não justificavam. Já agora, porém, pairam, em meu espírito, suspeitas de que algo encerravam de verdade, em face do procedimento daquele funcionário, que, chamado a esta Secretaria, ao invés de se dirigir ao seu superior hierárquico, para tratar de assunto de esfera puramente administrativa, preferiu entender-se com V.Excia, a quem, segundo dizem, chegou a encaminhar um pedido de demissão, para que fôsse apresentado ao Govêrno, se assim julgasse V.Excia. oportuno.

Foi então que tive a infeliz idéia de telefonar-lhe, sugerindo-lhe o seu pedido de demissão, a que estava, de certo modo, autorizado pela sua intenção anteriormente manifestada. Infeliz digo, porque não calculava que ela se prestasse a tamanha exploração!..Não era um superior que alvitrava um expediente ao seu subordinado, era um colega que falava a outro colega. Não me ocorrera que certos gestos de nobreza pudessem ser tão mal compreendidos...

Alegou o sr. João da Hora que não poderia solicitar exoneração, em face da marcha dos acontecimentos. Cumpre frisar que nenhuma acusação havia contra a honorabilidade daquele funcionário. Do contrário não lhe teria feito aquela sugestão. Mas achei razoavel o seu escrupulo.Não insisti. O direito de opinião é para mim uma coisa sagrada. Agora, o que é falso, absolutamente falso, é que lhe tivesse prometido, em troca de seu pedido de exoneração, não abrir inquérito. Em todo o decurso dêsse triste episódio, nem uma vez sequer, se tocou em inquérito. Falou-se apenas em sindicância.

A iniciativa da sugestão foi obra exclusivamente minha. E, na verdade, como poderia eu fazer uma promessa da natureza da que se me atribui, se não era a mim que cabia decidir, em última instância, sôbre o caso? Não eram já as denúncias do conhecimento do Govêrno? Logo, a acusação que V.Excia. articulou contra mim peca pelos seus próprios fundamen-

Não aceitando o meu alvitre, determinei-lhe que comparecesse a esta Secretaria, para tratarmos do assunto. Respondeu-me, no dia seguinte, que não lhe era possível atender-me, pretextando motivo de serviço que exigia a sua presença no estabelecimento. Já agora o caso assumia outra feição. Desobedecia o sr. João da Hora a uma ordem emanada de seu chefe legal. Mas não é tudo.

Um jornal de Campos, creio que a "Notícia", publicou uma nota tendenciosa, adulterando a verdade do que ocorrera entre nós. Só o sr.João da Hora poderia ter ministrado o material para aquêle tópico. Não seria possível contemporizar mais. Havia naquele funcionário um propósito deliberado de me deixar mal perante a opinião pública. Diante de tais atitudes, de flagrante indisciplina, resolvi pedir ao Govêrno a sua demissão. Não tinha outro caminho a seguir. Eis tudo o que se passou.

Como vê V.Excia., não houve, no caso, nenhum interêsse político. Mas, se tal interêsse houvesse, ninguém, em sã consciência,admitiria que fôsse necessário entrar em negociações com um funcionário, ocupante de um cargo de confiança e, por isso, demíssivel ad nutum, para conseguir a sua exoneração.

Antes de pingar o ponto final nesta já tão estirada carta,quero cientificá-lo, Dr. Nélson Pereira Rebel, de que não tenho grande apêgo ao cargo de Secretário, embora seja êle tão elevado, que nunca sonhei de um dia vir a ocupá-lo, digo-o sem falsa modéstia. Entretanto, nêle me acho investido pela nímia bondade dêsse homem providencial, a quem Deus confiou, neste momento crucial da vida fluminense, o trabalho penoso de dirigir os destinos do nosso Estado. Aqui, por conseguinte estou e continuarei a estar, enquanto lhe merecer a confiança. Mas de uma coisa sou extramente cioso e dela jamais abrirei mão - da minha dignidade -.

Não tenho fortuna, se é que se entende por fortuna apenas o dinheiro e a posse de bens materiais. A única riqueza que possuo,é o patrimônio de um nome honrado, que herdei desde o berço, e que pretendo legar aos meus filhos, indene de qualquer eiva.

Outro fôsse, que não V.Excia., o meu rígido censor, talvez me acolhesse a um consolador silêncio, escudado naquele pensamento do grande Sêneca: Gemite et infelicem linguam bonorum exercete conuicio, hiate, commordete; citus multo frangetis quam imprimetis (De Vita Beata, cap. XX, in fine). Mas tratando-se de V.Excia., que muito me merece e a quem

~~clarecê-lo~~ crer-lhe, para que não continue a fazer mau juízo de um velho amigo, que nenhum ato menos digno praticou, para receber uma estocada tão rude, como essa que V.Excia. lhe atirou, contra a sua honra pessoal.

Esperando que se digne de ler na tribuna da Assembléia, estas linhas que traçei, à guisa de defesa, sou com a devida consideração e respeito, o mais humilde dos servos de V.Excia.